



Diálogo inter-religioso sobre questões ambientais: explorando as doutrinas do Cristianismo e Budismo para um futuro sustentável

Interreligious dialogue on environmental issues: exploring the doctrines of Christianity and Buddhism for a sustainable future

Nirvana de Oliveira Moraes Galvão de França¹

Resumo: Este trabalho explora o diálogo inter-religioso entre o Cristianismo Católico Apostólico Romano e o budismo da tradição Geluk nas questões ambientais, apoiado em pensadores como Lama Je Tsongkhapa, Sonam Gyatso, Plínio Marcos Tsai, Papa Francisco e Ivone Gebara. Discute a interdependência como essencial para a compreensão dos desafios ambientais e enfatiza a importância de ações coletivas para um futuro sustentável. Ressalta que a preservação ecológica global requer abordagem multidisciplinar, envolvendo líderes religiosos, políticos e a sociedade civil. Conclui promovendo o diálogo inter-religioso e a necessidade de ação coletiva.

Palavras-chave: Meio ambiente. Budismo. Je Tsongkhapa. Catolicismo. Papa Francisco.

Abstract: This work explores the inter-religious dialogue between Roman Catholic Christianity and Geluk tradition Buddhism on environmental issues, supported by thinkers such as Lama Je Tsongkhapa, Sonam Gyatso, Plínio Marcos Tsai, Pope Francis, and Ivone Gebara. It discusses interdependence as essential for understanding environmental challenges and emphasizes the importance of collective actions for a sustainable future. It highlights that global ecological preservation requires a multidisciplinary approach, involving religious leaders, politicians, and civil society. It concludes by promoting inter-religious dialogue and the need for collective action.

Keyword: Environment. Buddhism. Je Tsongkhapa. Catholicism. Pope Francis

Introdução

Este trabalho visa estabelecer um diálogo inter-religioso virtuoso sobre questões ambientais, ancorado nas doutrinas de dois dos principais pilares do pensamento religioso mundial: o cristianismo e o budismo. A reflexão será guiada por

¹ Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, professora do Instituto Pramāṇa e monja budista na Associação Buddha-Dharma. Contato: nirvanafranca@gmail.com.

textos e concepções teológicas de figuras proeminentes dessas tradições, incluindo Lama Je Tsongkhapa, Sonam Gyatso e Plínio Marcos Tsai no budismo, e o Papa Francisco e Ivone Gebara representando o cristianismo católico. A escolha desses autores se deve à profundidade e diversidade de suas obras, que nos oferecem um espectro abrangente de compreensões e interpretações sobre a ideia de interdependência, permitindo assim uma exploração detalhada e significativa do papel da espiritualidade na atual crise ambiental

Desta maneira, busca-se uma articulação que coloque lado a lado representações do budismo e do cristianismo. Da mesma forma que o cristianismo não é uma unidade, em que o Papa é o principal representante dos católicos apostólicos romanos, outras vertentes do cristianismo, como os protestantes e pentecostais, têm seus próprios líderes e pensadores. Ivone Gebara também contribui com suas análises do cristianismo católico apostólico romano, essa freira brasileira, escreveu diversos trabalhos no qual ela articula o cristianismo com a ecologia. O budismo também se divide em várias escolas e tradições, cada uma com suas próprias figuras representativas e pensadores destacados

O conceito de Interdependência, embora seja um constructo multifacetado, será abordado neste texto de maneira simplificada, com o intuito de elucidar a intrincada rede de relações que permeia todos os seres vivos. A necessidade de tal simplificação surge da complexidade do tema, que poderia facilmente estender este ensaio para além de sua escala e escopo pretendidos. Nosso objetivo principal é explorar a importância da interdependência para a compreensão das questões ambientais e da responsabilidade que a humanidade detém sobre o futuro sustentável do nosso planeta.

O conceito de interdependência, também conhecido como *Pratītyasamutpāda* ou *Originação Dependente*, é um princípio fundamental no budismo, tal como descrito de forma significativa por Lama Je Tsongkhapa em sua obra: “Lamrim Chenmo: O Grande Tratado do Caminho Gradual da Iluminação” (2020). Neste que é um dos seus principais trabalhos, Tsongkhapa desdobra o conceito de interdependência como a consciência de que todos os fenômenos emergem dentro de uma matriz complexa de causa e efeito, ilustrando a profunda rede de conexões que permeia toda a existência.

Em sua concepção, nenhum ser ou objeto existe de maneira independente ou isolada. Todos são produtos de múltiplas causas e condições e, por sua vez, influenciam

outras coisas através de suas ações e existência. De acordo com Tsongkhapa, compreender essa intrincada interconexão entre todos os seres e coisas é crucial para perceber a verdadeira natureza da realidade. Isso, por sua vez, conduz ao desenvolvimento de uma ética compassiva e ao reconhecimento da interdependência que permeia nossa relação com o meio ambiente, motivando ações responsáveis e sustentáveis.

Nossa discussão irá recorrer a uma variedade de perspectivas notáveis, tanto budistas quanto cristãs. Do lado budista, teremos os ensinamentos de Lama Je Tsongkhapa, o fundador da Tradição Geluk do Budismo Tibetano do século XV, cujo trabalho seminal, “Lamrim Chenmo: O Grande Tratado do Caminho Gradual da Iluminação”, oferece uma guia abrangente para o caminho budista em direção à completa iluminação. Seguindo-o, no século XVI, temos Sonan Gyatso, cuja obra “Lamrim Sheershoonma – Linhas de Experiência” se destaca entre suas muitas contribuições. No contexto contemporâneo, contamos com Plínio Marcos Tsai, um estudioso conhecido por seus comentários a textos clássicos do Budismo Indiano e tradutor do Lamrim Chenmo. Do lado cristão, o Papa Francisco (Jorge Mário Bergoglio) contribui com seus insights profundos na encíclica “Laudato Si’”, que foca na necessidade de cuidar do nosso planeta, enquanto a freira Ivone Gebara apresenta um enfoque ecofeminista em seu livro “Teologia Ecofeminista”. Juntos, esses autores formam a base teórica para a exploração do conceito de Interdependência neste artigo.

Nesta confluência de ideias, também nos voltamos para a reflexão do Papa Francisco (Jorge Mario Bergoglio), expressa em sua encíclica “Laudato Si’, 2015”, na qual ele analisa profundamente nossa casa comum, a Terra, enfatizando a intrincada relação interdependente entre todos os seres vivos e o meio ambiente. Adicionalmente, o ecofeminismo de Ivone Gebara, expresso em seu livro “Teologia Ecofeminista”, oferece uma perspectiva única, explorando a interseção entre a luta pela igualdade de gênero, a espiritualidade e o cuidado com o meio ambiente. As reflexões apresentadas por ambos, Papa Francisco e Ivone Gebara, estabelecem paralelos interessantes com a visão budista da interdependência, o que os torna contribuintes significativos para o diálogo proposto por este ensaio. Dessa forma, as perspectivas de Lama Je Tsongkhapa, Sonan Gyatso, Plínio Marcos Tsai, Papa Francisco e Ivone Gebara constituem a base teórica para a nossa exploração do conceito de Interdependência.

Adentrando ao assunto do meio ambiente, pode-se ter a ilusão de que a segunda década do século XXI é um período tranquilo pois, em relação às questões ambientais, pode-se ter uma falsa percepção de calma na segunda década do século XXI, dadas as ações e declarações de alguns líderes mundiais. No Brasil, o governo de Jair Bolsonaro tem sido alvo de críticas quanto à sua postura perante as questões ambientais. Campos (2020) aponta que o governo frequentemente minimiza a gravidade dos problemas ambientais ou se esquivava das responsabilidades, levando a uma ilusão de que a situação ambiental é menos crítica do que realmente é.

Da mesma forma, o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, também manifestou desprezo pelos relatórios ambientais, afirmando publicamente sua descrença nas evidências científicas. Monge (2018) relata que tais declarações podem contribuir para a propagação de um falso sentimento de que as coisas estão “boas”, desconsiderando os sérios alertas dos especialistas em meio ambiente. Ambos os casos ilustram a necessidade de uma compreensão mais clara e precisa dos problemas ambientais que enfrentamos na atualidade. Mas isso se deve ao fato de os grandes desastres ambientais não receberem a devida importância.

No Brasil, o rompimento das barragens de Mariana, ocorrido em 2015 (MPF, s/d) quase foi esquecido, e pelo mundo se atribui diretamente a ação humana como causadora principal dos problemas que vêm acontecendo (ONU, 2022). Não mais se entende esses problemas como causados pelas chamadas causas naturais. No ano de 2018, por exemplo, houve o grande incêndio na Califórnia², que não teve sua causa determinada e ficou inconclusivo. Além disso, o frio intenso na Europa³ e a neve no deserto do Saara⁴ fazem parte dos efeitos causados pelo fenômeno periódico El Niño.

²O incêndio na cidade de Paradise ganhou o nome de Camp Fire e foi considerado controlado no dia 25 de novembro de 2018, depois de duas semanas e meia durante as quais engoliu quase toda a cidade, destruindo 14,5 mil edifícios e 61,9 mil hectares e deixando 85 mortos. A investigação da origem do incêndio não foi conclusiva (AGENCIA BRASIL, 2018).

³No início de 2018, a onda de frio recebeu diversos apelidos em 2018, “Besta do Leste”, “Urso siberiano”, “Canhão de neve”, e matou 24 pessoas até a data da reportagem consultada (28/02/2018). Essa onda de frio chegou a atingir as praias do mediterrâneo (G1, 2018).

⁴O fenômeno, que não ocorria há 37 anos, aconteceu em decorrência da onda de frio que assolou a Europa, ele não deixou danos, mas alertou para o que teria causado (BBC BRASIL, 2018).

Contudo, é necessário ter cautela, porque ainda se colhem os frutos dos desastres do passado⁵, e há ameaças pela sombra da suposta tranquilidade, que encobre a possibilidade do retrocesso nos acordos internacionais de preservação ambiental. Em 2017, o ex-presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, anunciou seu intento de retirar o país do Acordo de Paris sobre as mudanças climáticas (ESTADÃO, 2017). Quando uma nação influente como os Estados Unidos opta por abandonar tal acordo, o impacto dessa decisão pode enfraquecer o compromisso coletivo global para com as metas climáticas estabelecidas, e desestabilizar os esforços conjuntos para combater as mudanças climáticas. Isso é especialmente preocupante, pois as ações ambientais de uma nação podem ter consequências além de suas próprias fronteiras, afetando o equilíbrio ecológico global e causando adversidades para populações em diferentes partes do mundo.

Na tentativa de compreender a crescente crise ecológica global, torna-se essencial analisar as raízes históricas do nosso relacionamento com a Terra. O meio ambiente, em seu estado atual, é reflexo não apenas das práticas contemporâneas, mas também de séculos de interações humanas que negligenciaram a sustentabilidade e o equilíbrio natural. É dentro deste contexto que Sivaraksa (2014, p. 147), em sua obra, articula uma perspectiva crítica e profunda sobre o assunto:

O sofrimento ecológico é o resultado dos séculos de abuso da Terra e do meio ambiente. São os efeitos de numerosos desenvolvimentos sobrepostos que são insustentáveis na maior parte. Resultam de ações violentas, seja em forma de colonialismo, desenvolvimento industrial, guerras, crescimento econômico, corrida armamentista ou entre estados⁶ (SIVARAKSA, 2014, p. 147, *Tradução minha*).

⁵ Consideram-se desastres do passado eventos que serão abordados adiante no trabalho, como a explosão de Chernobyl na Ucrânia, em 1986; o vazamento do cargueiro Exxon Valdez no Alaska, em 1989; a explosão e a morte de pessoas pela explosão de um oleoduto em 1984, em Cubatão no Brasil; a explosão da plataforma de petróleo Deepwater Horizon, da British Petroleum, em 2010, no golfo do México; em Bhopal, na Índia, em 1984, um acidente no qual uma indústria química matou entre 3.000 e 10.000 pessoas. Outros desastres poderiam ser citados, mas esses são suficientes para ilustrar o tamanho e a amplitude dos problemas ambientais que enfrentamos, sejam nos regimes capitalistas ou socialistas, democráticos ou não.

⁶ “Ecological suffering is the result of centuries of abuse of our Earth and environment. It is the effects of numerous overlapping developments that are unsustainable for the most part. It results from violent actions, whether in the shape of colonialism, industrial development, wars, economic growth, the arms race, or capitalist competition between states.”

A complexidade das relações internacionais e os interesses envolvidos frequentemente influenciam as decisões políticas relativas aos acordos ambientais. Em alguns casos, esses fatores podem levar à retirada de certos líderes desses acordos, apesar das evidências convincentes das alterações climáticas e do crescente número de desastres ambientais. Essas ações, no entanto, negligenciam um princípio fundamental do ambientalismo: a interconexão e a interdependência de todos os seres vivos na Terra. Neste ensaio, pretendemos ilustrar a gravidade da situação planetária atual, revisando brevemente uma série de desastres ambientais históricos e acordos ambientais subsequentes, para ressaltar a urgência de uma ação coletiva eficaz para a preservação do nosso ecossistema global.

1. O sofrimento ambiental

Não é benéfico se conformar com os argumentos de que é apenas o sistema econômico a causa dos problemas ambientais que enfrentamos. É preciso tomar cuidado com argumentos como os apresentados por Sivaraksa, que culpa o livre mercado:

O sofrimento ecológico é resultado da violência sistêmica enraizada na política global econômica. Embora o nosso mundo aprecie a diversidade e as escolhas, é cada vez mais intolerante a qualquer forma de vida que resista ao fundamentalismo do livre mercado⁷ (SIVARAKSA, 2014, p. 147, *Tradução minha*).

A observação aguda de Sivaraksa lança luz sobre uma das tensões mais significativas em nossa época: o conflito entre as demandas do capitalismo global e a necessidade de sustentabilidade ecológica. Ao afirmar que o “sofrimento ecológico é resultado da violência sistêmica enraizada na política econômica global”, ele identifica um paradigma econômico que, apesar de celebrar a diversidade e a liberdade de escolha, impõe restrições severas sobre as formas de vida que resistem ou não se alinham à lógica do livre mercado.

Esta poderosa crítica sugere que o compromisso com a diversidade e a liberdade, valores tão prezados em nossa sociedade, pode ser comprometido pela

⁷“The Ecological suffering is the result of systemic violence rooted in the global political economy. Although our world cherishes diversity and choice, it is increasingly intolerant of any form of living that resists free market fundamentalism.”

crescente tendência do fundamentalismo do mercado. Este último, que privilegia os lucros e o crescimento econômico acima de tudo, pode ignorar ou até mesmo prejudicar a diversidade da vida na Terra e a integridade dos nossos ecossistemas.

Assim, Sivaraksa nos convida a refletir profundamente sobre os limites do nosso atual sistema econômico e a considerar a necessidade de reformas estruturais que promovam um equilíbrio mais harmonioso entre as demandas do crescimento econômico e a imperativa necessidade de proteger e preservar o nosso planeta e as múltiplas formas de vida que nele coabitam. Esta é uma chamada para uma visão de mundo mais integrada e sustentável, em que a economia não está em guerra com o ecossistema, mas sim, trabalha em sinergia para o bem-estar de todos os seres vivos.

O tempo passou e as formas de exploração dos recursos naturais somente aumentaram. Essas são situações que provocam, nas palavras do Papa Francisco, “os gemidos da irmã terra”, ele adverte que:

Nunca tratamos tão mal a nossa casa comum como nos últimos dois séculos. O problema reside que não dispomos ainda da cultura necessária para enfrentar a crise onde há a necessidade de que se tracem caminhos, que possam responder às necessidades das gerações atuais, e incluam a todos, isso sem prejudicar as gerações futuras (FRANCISCO, 2015, §53).

O passado calamitoso ambiental se intensificou após a segunda metade do século XIX, em especial após a Segunda Guerra Mundial, quando um sistema remanescente da Revolução Industrial, focado apenas no crescimento econômico, desconsiderou as questões ambientais, desencadeando uma série de desastres ambientais (ESTELA; POTT, 2017). Esses desastres, cujas consequências persistem até hoje, ocorreram em países de diferentes sistemas econômicos e políticos - sejam eles capitalistas, comunistas ou socialistas.

No lado capitalista, por exemplo, tivemos os casos notórios de Bhopal em 1984⁸ e Exxon Valdez em 1989⁹. A “cortina de ferro”, uma metáfora para as barreiras de informação do bloco comunista, torna obscuro o número exato de problemas

⁸ O desastre de Bhopal ocorreu na Índia em 1984, quando um vazamento de gás tóxico de uma fábrica de pesticidas causou a morte imediata de milhares de pessoas e deixou muitas outras com problemas de saúde a longo prazo.

⁹ O desastre do Exxon Valdez ocorreu em 1989, quando um petroleiro encalhou e derramou aproximadamente 11 milhões de galões de petróleo no Oceano Pacífico, perto do Alasca, causando extensos danos à vida marinha e ao ecossistema local.

ambientais que ocorreram nessa região. Contudo, o desastre nuclear de Chernobyl em 1986¹⁰ é um exemplo bem conhecido. De ambos os lados, as experiências com testes nucleares e o consequente lixo atômico apresentam desafios ambientais duradouros. Resumindo o século passado, Sung apresenta a realidade da América Latina e da Coreia, de forma a mostrar a importância do processo industrializador:

O cenário mundial estava pautado pela Guerra Fria entre o bloco capitalista liderado pelos Estados Unidos e o bloco comunista. Dentro desse âmbito, a América Latina e a Coreia tinham contextos muito semelhantes. Quanto à forma política de governo, ambas estavam sob ditaduras militares. Quanto à economia, passaram por um processo de rápida transformação – de agrária para industrializada – que, sob a lógica da acumulação do capital por meio de mão de obra barata, culminou na urbanização, fenômeno que aumentou vertiginosamente o crescimento das periferias nas grandes cidades (SUNG, 2018, p. 306).

Esse processo industrializador é uma das principais causas da degradação ambiental que experimentamos. É preciso tomar consciência, como nos explica Tsai, a respeito da forma como são as consequências das nossas ações, as relacionalidades que geram efeitos e que, de certa forma, podem ser controladas quando se compreende que as consequências das ações humanas são a causa dessa degradação ambiental:

As coisas em suas relacionalidades geram efeitos, e esses efeitos podem ser controlados pelo homem a partir de uma compreensão da causalidade. Então os efeitos que o homem pode controlar e nos quais ele tem participação direta são formados a partir de causas nas quais ele pode atuar (TSAI, 2017a, p. 77).

O histórico ambiental da humanidade conduziu a espécie a um estado crítico de sobrevivência. Com uma análise mais aprofundada, fica evidente o risco de extinção da humanidade. Devido a alterações progressivas e significativas, a vida na superfície da Terra está se tornando insustentável. As mudanças climáticas são manifestadas através de calor extremo, frios congelantes e precipitações históricas sem precedentes. O noticiário é inundado por notícias de catástrofes ambientais. Às vezes tem-se a sorte de morar em uma região onde há menos impactos dessa degradação do clima, por isso,

¹⁰ O desastre de Chernobyl, ocorrido na Ucrânia em 1986, foi o pior acidente nuclear da história, resultando em uma zona de exclusão permanente em torno da central nuclear e tendo consequências de saúde a longo prazo para as pessoas da região.

existe a impressão de que não estão acontecendo, ou que não são dignas de receber tanta importância como deveriam.

Trazemos aqui o uso dos recursos hídricos, por exemplo, a forma que nós nos relacionamos com ele. Como a água é um bem vital, necessário ao consumo humano, criação de animais e agricultura, os adensamentos humanos ocorreram às margens dos grandes rios (MOREIRA, 2011). Isso é tão marcante, pois seus relatos vão dos livros do Antigo Testamento donde no Gêneses, o jardim do Éden se localiza entre os rios Tigres e Eufrates; depois historicamente, pois o Egito cresceu às margens do Nilo; as grandes capitais europeias também se estabeleceram às margens dos cursos d'água, sem respeitar o uso dessa água para as populações montantes do curso.

No caso brasileiro, um dos mais importantes rios cruza a cidade de São Paulo. O Rio Tietê,

nasce a 1.030 metros do nível do mar, na cidade de Salesópolis, município da Região Metropolitana de São Paulo, nas encostas da Serra do Mar. Sua nascente se localiza a 22 km do Oceano Atlântico e a 96 km da capital do Estado de São Paulo em uma área coberta pela Mata Atlântica. Ele percorre 1.136 quilômetros no sentido leste – oeste até a sua foz no Rio Paraná, na divisão com o Estado do Mato Grosso do Sul. Ao contrário da maioria dos rios que correm no sentido do mar, o Tietê corre sentido interior por não conseguir sobrepor a Serra do Mar. Em seu trajeto, ele banha 62 municípios paulistas (OLIVEIRA, 2014, p. 272).

O trajeto singular do Rio Tietê, rumo ao interior, teve papel fundamental na exploração e formação do estado de São Paulo. Este percurso contraintuitivo forneceu os meios para a expansão e o desenvolvimento de diversas localidades. No entanto, essa posição estratégica também fez com que o rio sofresse diretamente os efeitos da atividade humana.

Com o tempo, a interação com o homem deixou marcas profundas no Tietê. Dentre as mais significativas está a poluição. Este é um tópico que merece uma atenção especial, devido às suas implicações ambientais e sociais.

A história da poluição do Rio Tietê remonta à exploração de ouro e ferro em algumas regiões ao longo de suas margens no século XVII. Nessa época, as águas do Tietê já sofriam alterações quanto à sua qualidade, cor e turbidez devido aos metais pesados que eram despejados no rio. As consequências dessas ações, na época, eram desconhecidas. No início do século XX, a situação se agravou. Em 1901, já era observado que as águas do rio Tietê estavam poluídas devido à criação de suínos na

região de Mogi das Cruzes e Guarulhos e ao despejo de esgoto doméstico sem tratamento. A posterior instalação de indústrias no entorno do rio e o despejo de resíduos industriais intensificaram ainda mais a poluição do Tietê (OLIVEIRA, 2014). Este histórico de poluição e a crescente degradação ambiental demonstram o impacto duradouro e contínuo das atividades humanas sobre os recursos hídricos, um tema que requer uma investigação cuidadosa e contínua.

Assim, a ocupação às margens do rio e uso do recurso hídrico ocorreu sem um planejamento e sem preocupação com o possível esgotamento do recurso. Na atualidade planos de despoluição ocorrem, levando em consideração cada trecho do rio, as características do uso, vazão e carga de poluentes. Foi estabelecido um cronograma de longo prazo para que a questão da potabilidade das águas e o uso das mesmas possa ser viabilizado para diversos fins (OLIVEIRA, 2014). Estes são planos que ocorrem no presente.

No passado, na Índia, o Buda – conhecedor da causalidade e, por isso, ciente da importância do respeito ao meio ambiente – incluiu dispositivos no código *Vinaya*, o Código de Conduta Monástico, que promovessem o respeito ao meio ambiente, existindo assim condutas reprováveis, que assim o eram pensando no bem-estar dos demais, tais como: a falha *śaikṣa*¹¹ “72. Jogar a água de limpeza dos potes antes de perguntar ao dono da casa onde seria mais apropriado;” (TSAI, 2017b, p. 68), de tal forma que as partes lindeiras não sejam agredidas. Era sabido pelo Buda que essa água continha partículas que, quando dispostas incorretamente, propiciavam a proliferação de vetores e doenças. Era necessário que a água de lavagem fosse descartada da maneira adequada (BRAHMALI, 2021). Hoje, sabe-se que esse esgoto pode servir de alimento a bactérias, protozoários ou outros vetores de doenças, tais como ratos e baratas, sendo necessário o descarte correto. Por isso, a instrução de perguntar ao proprietário da casa.

¹¹ Para regulamentar a vida na comunidade monástica, o Buda instituiu o *Vinaya* que é o código de conduta. Esse código possui pouco mais de 250 normas para homens e pouco menos de 350 para mulheres. Elas são organizadas pela intensidade que o dano provoca, assim, o código começa com as faltas que ensejam expulsão da comunidade (*parajika*), nelas se encontram faltas como matar e ter conduta sexual; faltas que ensejam suspensão (*sanghavesesa*) que envolvem formas de se relacionar por desejo sexual e outras; depois, estão as faltas de advertência (*pācittiya de maior gravidade*); em seguida, o grupo de faltas que ensejam advertências, e a insistência leva à suspensão; por fim, há as de menor gravidade, que também ensejam suspensão, mas quando em maior insistência *pācittiya de menor gravidade*.

Quando o Buda adiciona o preceito ao Código *Vinaya*, ele estabelece uma conduta esperada para a comunidade. O Buda aceitou pessoas em seu núcleo que eram provenientes de diferentes extratos sociais e, por isso, possuíam graus de instrução diferentes, dessa forma, essa educação ambiental colocava-se à disposição de todos. Mas as questões relativas ao meio ambiente não se resumem a esse preceito, pode-se citar mais deles.

Os preceitos monásticos prosseguem às falhas complementares, chamando atenção à preocupação com a água e o solo. A primeira falha complementar corresponde à necessidade de urinar sentado para que os dejetos não se espalhem. Sabe-se que urina e fezes são responsáveis por um grande número de doenças, por isso sua gestão é importante. Além disso, essa prática está alinhada com as duas falhas seguintes que preservam respectivamente os cursos de água e do solo, conforme apresentado no Código *Vinaya Dharmagupta*:

Falhas complementares

109. Urinar ou defecar enquanto em pé, se não estiver doente;

110. Urinar, defecar, cuspir, e assim por diante, numa corrente de água ou num reservatório de água;

111. Urinar, defecar, cuspir, e assim por diante, numa grama verde ou plantas vivas (TSAI, 2017b, p. 71).

Onde e como descartar os dejetos humanos são um problema de longa data, como previamente abordado, no qual se citou a história do rio Tietê. Este problema advém dos adensamentos humanos. Continua sendo um problema até hoje. Teoricamente em uma região urbanizada como o município de São Paulo alguém urina ou defeca nas margens dos rios. Utilizamos sanitários, que encaminham às redes coletoras de esgotos. Neste ponto encontra-se o problema. As residências precárias, instaladas às margens dos rios, despejam seus dejetos diretamente nas águas. Onde há rede coletora, nem sempre o esgoto é tratado.

Essa má gestão dos esgotos sanitários levou à morte muitos rios, tornando suas águas impróprias para consumo. Segundo o G1 (2019), o Rio Tietê possui somente 14% do esgoto descartado nele tratado, ou seja, os outros 86% são de dejetos lançados sem tratamento, poluindo suas águas. Diversos fatores podem ser citados como razões para que isto aconteça e o desinteresse de parte da população está entre eles, pois apesar de haver iniciativas para despoluição (CAMARGO, 2018; CICLOVIVO, 2022), a grande

parte das pessoas não cobram de maneira efetiva de seus governantes a despoluição desse rio. Aqui tem-se um exemplo da ação humana no meio ambiente e as consequências que essa mesma degradação traz à própria população, pois não é incomum que os moradores de São Paulo enfrentem racionamento de água.

Mas não só os monges estavam sujeitos a uma normativa de conduta. Além destes, Tsai (2017a) nos explica que os leigos também possuíam código de conduta de forma a regulamentar a vida em comunidade, isso vem das consequências das ações buscando a harmonia que era desejada a curto, mas também a longo prazo.

Há tipos diferentes de ética-normativa no budismo indiano. Podemos dizer que estão dentro de limites que se fundamentam em uma motivação finalística. Se a motivação for a realização do próprio bem-estar, por meio de um modo de vida que permita a libertação individual das três causas fundamentais das insatisfações-sofrimentos, por meio da meditação como caminho para a cessação definitiva dessas três causas, temos o código de ética-normativa chamado de “código de libertação individual”, *pratimoksha*. Dentro da categoria está o código-de-vida-comunitária, *Vinaya*, dos monges, monjas, aprendizes de monges e monjas, leigos e leigas (TSAI, 2017a, p. 100).

Tsai prossegue explicando a respeito da Ética Normativa Budista:

Se a motivação for o desejo de realizar o completo despertar, o estado de *Buddha*, por compaixão a todos os seres-relações, temos o código de ética-normativa chamado de “código do ser-em-despertar”, *bodhisattva-samvara*. Dentro desta categoria está o código da *bodhicitta* aspirativa, *samvara-pranidhana*, e também o código de *bodhicitta* engajada, *samvara-vatara* (TSAI, 2017a, p. 100-101, *italico no original*).

Nos Códigos *Bodhisattvas*, encontramos uma variedade maior de dispositivos que visam preservar o meio ambiente. Dessa vez, a abordagem é mais abrangente, promovendo uma consciência mais profunda da interdependência e uma reflexão sobre as consequências de nossas ações. O *bodhisattva* assume o compromisso de ser benéfico para todos os seres e libertá-los do sofrimento. Portanto, não pode compactuar com condutas que resultem em poluição da água, do ar ou do solo. É importante destacar que essa ênfase na proteção ambiental surge naturalmente da compreensão da conexão intrínseca entre todos os fenômenos. Ao reconhecermos que todos os seres e elementos do nosso ambiente estão interligados, percebemos que nossas ações têm um impacto direto no equilíbrio e na harmonia da natureza.

Assim, ao nos comprometermos com o caminho do bodhisattva, desenvolvemos uma consciência mais ampla e uma responsabilidade mais profunda em relação ao meio ambiente. A poluição se torna incompatível com nossa busca pela iluminação e pela liberação de todos os seres do sofrimento.

Nesse sentido, os Códigos Bodhisattvas nos convidam a adotar práticas e comportamentos que promovam a sustentabilidade, o respeito à natureza e a preservação dos recursos. Ao fazê-lo, estamos alinhando nossas ações com a compaixão e a compreensão profunda dos princípios budistas, buscando o bem-estar de todos os seres e o equilíbrio do ambiente em que vivemos.

Retomando o assunto da água, o Papa Francisco chama a todos para uma reflexão sobre o nosso comportamento e reflete a respeito da preocupação com a água:

A água potável e limpa constitui uma questão de primordial importância, porque é indispensável para a vida humana e para sustentar os ecossistemas terrestres e aquáticos. As fontes de água doce fornecem os sectores sanitários, agro-pecuários e industriais. A disponibilidade de água manteve-se relativamente constante durante muito tempo, mas agora, em muitos lugares, a procura excede a oferta sustentável, com graves consequências a curto e longo prazo. Grandes cidades, que dependem de importantes reservas hídricas, sofrem períodos de carência do recurso, que, nos momentos críticos, nem sempre se administra com uma gestão adequada e com imparcialidade. A pobreza da água pública verifica-se especialmente na África, onde grandes sectores da população não têm acesso a água potável segura, ou sofrem secas que tornam difícil a produção de alimento. Nalguns países, há regiões com abundância de água, enquanto outras sofrem de grave escassez (FRANCISCO, 2015, § 28).

Essas igualmente eram as preocupações do Buda em instruir sua comunidade cerca de 2.500 anos atrás. São as preocupações atuais do Papa, e também foram as preocupações nas convenções internacionais do final do século XX no mundo – Kyoto¹², Rio¹³, Montreal¹⁴, dentre outras convenções – que buscavam convencer líderes mundiais a aderir às normas restritivas de poluição ambiental.

¹² Protocolo de Kyoto, um acordo internacional assinado em 1997 em Kyoto, Japão. Seu objetivo era combater as mudanças climáticas, estabelecendo metas de redução das emissões de gases de efeito estufa para os países industrializados.

¹³ Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada em 1992 no Rio de Janeiro, Brasil. Também conhecida como Cúpula da Terra, foi um marco importante para o reconhecimento global da necessidade de desenvolvimento sustentável.

A urgência em enfrentar os desafios ecológicos globais é inquestionável, porém as soluções propostas até o momento parecem ter impactos mínimos diante da imensidão do problema. Além disso, a falta de uma instituição adequada para lidar com questões ambientais em escala global torna a situação ainda mais complexa. A confiança em organizações como as Nações Unidas é abalada, uma vez que os países membros ainda relutam em endossar alternativas que possam entrar em conflito com os princípios do capitalismo liberal. Nesse contexto, as questões ambientais são frequentemente negligenciadas, pois não oferecem perspectivas imediatas de grandes lucros. A citação de Sivaraksa (2014) ilustra essa preocupante realidade e a necessidade premente de repensar nossas abordagens e prioridades em relação à crise ambiental global:

As soluções propostas têm impactos mínimos, enquanto o problema ecológico tem um enorme impacto. Além disso, não temos uma instituição adequada que lide com os problemas ambientais globais. Não podemos confiar em organizações como as Nações Unidas, onde os países membros ainda têm que endossar alternativas para o capitalismo liberal, onde nenhum grande lucro pode ser obtido a partir de questões ambientais e, portanto, eles não são priorizados¹⁵ (SIVARAKSA, 2014, p. 149, *Tradução minha*).

Sobre a poluição atmosférica, destacam-se as situações em que é possível atribuir causas diretas de morte de pessoas à poluição – quando a relação de causalidade não é direta, mas pode ser atribuída, é como se a poluição não existisse. Os carros presos nos congestionamentos, os caminhões e outros veículos pesados atirando fumaça pelas ruas, tornando o ar irrespirável nas grandes metrópoles, não são vistos como um problema. Cidades, como São Paulo e a Cidade do México, estabeleceram o rodízio de veículos, mas, mesmo assim, são condições indiretas de poluição – como elas matam lentamente, reduzindo o tempo de vida de quem respira esse ar no dia a dia, não contam. Assim como o regime político, pois o ar de Pequim, por várias vezes, é causa da parada

¹⁴ Refere-se ao Protocolo de Montreal, um acordo internacional assinado em 1987 em Montreal, Canadá. Seu objetivo principal era proteger a camada de ozônio, proibindo o uso de substâncias químicas prejudiciais, como os clorofluorcarbonos (CFCs).

¹⁵ “Proposed solutions have minimal impacts, while the ecological problem is a maximal one. Also, we don’t have a proper institution that deals with the global environmental problems. We cannot rely on organizations such as the United Nations, where member countries have yet to endorse alternatives to neo-liberal capitalism, where no great profits can be made from environmental issues and therefore, they are not prioritized.”

da cidade por estar “irrespirável”. Mas há os trágicos fatos que nos mostram os danos que causamos por negligenciar o meio ambiente:

[...] alguns eventos de poluição atmosférica, como o que ocorreu no Vale do Meuse, na Bélgica, em 1930, provocando a morte de 60 pessoas; em 1952, o *smog* em Londres, conhecido como “A Névoa Matadora”, que ocasionou mais de quatro mil mortes, sendo o primeiro a promover a movimentação das autoridades de saúde e a atenção quanto à qualidade do ar. Esse mesmo autor ainda comenta sobre alguns casos de contaminação de água, como o da Baía de Minamata no Japão, em 1956, que até dezembro de 1974 registrou 107 mortes oficiais e quase três mil casos em verificações (ESTELA; POTT, 2015, grifo no original).

Apesar de decorridas quase cinco décadas desde o primeiro evento que, com sua relevância ambiental, resultou tragicamente na perda de 60 vidas, é perturbador constatar que a humanidade ainda não alcançou o aprendizado necessário para lidar efetivamente com as questões ambientais. Esse longo período de tempo nos faz refletir sobre os desafios persistentes que enfrentamos em relação à proteção do meio ambiente e nos instiga a buscar abordagens mais eficazes e sustentáveis para preservar nosso planeta e garantir um futuro saudável para as gerações vindouras. Ou, se aprendeu, foi muito pouco sobre a interdependência. Continuamos a poluir o ar ou utilizamos o deslocamento da fonte de poluição, que ocorre quando mudamos as empresas para países pobres, cuja legislação ambiental é menos rígida, ao invés de as tornarmos mais eficientes. O Papa Francisco alerta sobre os problemas da poluição atmosférica e seus danos, em especial às pessoas mais pobres:

Existem formas de poluição que afetam diariamente as pessoas. A exposição aos poluentes atmosféricos produz uma vasta gama de efeitos sobre a saúde, particularmente dos mais pobres, e provocam milhões de mortes prematuras. Adoecem, por exemplo, por causa da inalação de elevadas quantidades de fumo produzido pelos combustíveis utilizados para cozinhar ou aquecer-se. A isto vem juntar-se a poluição que afecta a todos, causada pelo transporte, pelos fumos da indústria, pelas descargas de substâncias que contribuem para a acidificação do solo e da água, pelos fertilizantes, insecticidas, fungicidas, pesticidas e agro-tóxicos em geral. Na realidade a tecnologia, que, ligada à finança, pretende ser a única solução dos problemas, é incapaz de ver o mistério das múltiplas relações que existem entre as coisas e, por isso, às vezes resolve um problema criando outros (FRANCISCO, 2015, §20).

Não só a poluição das águas e ar é causada pelas ações humanas, como também a poluição do solo, o mesmo solo que filtra a água que cai das chuvas e abastece os lençóis freáticos, o mesmo solo que é a base para as moradias, o que permite casos de casas sobre aterros cujos estacionamento simplesmente explodem em razão dos gases que foram se acumulando. Ou, ainda, não ocorrem desastres imediatos, mas as casas são construídas sobre terrenos contaminados que irão minar a saúde de seus moradores. A Região de Campinas, no interior do estado de São Paulo, é palco desse tipo de problema, possuindo, em 2016, 761 áreas contaminadas, sendo a segunda colocada no relatório, ficando atrás somente da capital nesse problema, conforme matéria veiculada no Jornal Correio Popular, de 25 de fevereiro de 2017:

Os municípios das Bacias Hidrográficas dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá (PCJ) têm 761 áreas contaminadas, segundo o Relatório de Qualidade Ambiental 2016, divulgado essa semana pelo governo do Estado. Em cinco anos, o número de áreas cadastradas no Sistema Ambiental Paulista cresceu 37,8%. A região de Campinas tem a segunda maior concentração de áreas contaminadas no Estado de São Paulo e fica atrás apenas da Bacia do Alto Tietê onde está a região metropolitana de São Paulo, com 2.825 registros (COSTA, 2017, s. p.).

As consequências visíveis que enfrentamos hoje são diretamente atribuídas às ações da humanidade, que muitas vezes negligencia as repercussões de seus atos, subestimando a finitude dos recursos ambientais. Essa falta de consciência e responsabilidade é um reflexo da desconexão que muitos indivíduos e sociedades têm em relação à interdependência entre suas ações e o equilíbrio ecológico. É crucial reconhecer que nossas escolhas diárias, sejam elas relacionadas ao consumo, produção ou estilo de vida, têm um impacto significativo em nosso ambiente. Portanto, é fundamental que adotemos uma abordagem mais informada e proativa, valorizando a preservação dos recursos naturais, promovendo a sustentabilidade e adotando medidas que busquem soluções a longo prazo para os desafios ambientais que enfrentamos. Ao fazê-lo, podemos construir um futuro mais sustentável, equilibrado e resiliente para as gerações presentes e futuras. Nesse sentido de instruir a respeito das consequências das ações, Sonam Gyatso, o III Dalai Lama, ensina no “LamRim Sheershoonma – Linhas de experiência”:



Ações positivas e negativas provocam potenciais, como sementes, que irão dar os seus resultados, ou frutos. Assim, a bondade atual produzirá felicidade futura e a maldade atual produzirá miséria futura. De uma semente podem vir muitos frutos, que por sua vez possuem muitas sementes de natureza semelhante.

Uma ação não feita não produz resultados (*não se pode experienciar os resultados de uma ação que não se tenha sido feita anteriormente*). Toda ação que fizermos com o corpo, a fala ou a mente deixa uma semente karmica no nosso contínuo, que nunca se exaure (*a menos que trabalhemos para a sua neutralização ou purificação*) (GYATSO, 2013, p. 29, *itálico na tradução*).

Assim, o resultado das ações humanas segue como uma sombra e é preciso vivenciar as consequências dessas ações. A humanidade tem que se perguntar sobre os benefícios da Revolução Industrial, uma vez que a mecanização dos meios de produção não levou somente a uma alienação dos meios de produção, como também a um aumento da quantidade de resíduos gerados, ao desperdício de recursos e ao consumo desenfreado, sendo urgente a reflexão a respeito de nossa conduta. Neste sentido, o Papa conduz a reflexão:

Devemos considerar também a poluição produzida pelos resíduos, incluindo os perigosos presentes em variados ambientes. Produzem-se anualmente centenas de milhões de toneladas de resíduos, muitos deles não biodegradáveis: resíduos domésticos e comerciais, detritos de demolições, resíduos clínicos, electrónicos e industriais, resíduos altamente tóxicos e radioactivos. A terra, nossa casa, parece transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo. Em muitos lugares do planeta, os idosos recordam com saudade as paisagens de outrora, que agora vêm submersas de lixo. Tanto os resíduos industriais como os produtos químicos utilizados nas cidades e nos campos podem produzir um efeito de bioacumulação nos organismos dos moradores nas áreas limítrofes, que se verifica mesmo quando é baixo o nível de presença dum elemento tóxico num lugar. Muitas vezes só se adoptam medidas quando já se produziram efeitos irreversíveis na saúde das pessoas (FRANCISCO, 2015, §21).

A sociedade desenvolveu-se de tal forma que precisou cada vez mais de energia eléctrica e não mediu esforços para obtê-la. Contudo, arcou com riscos cujos efeitos, por muitos anos, ainda serão sentidos. Na história, ficou marcado o vazamento do material Radioativo da usina de Chernobyl:

[...] em 1986, um desastre com proporções incalculáveis chocou a população mundial, quando a explosão de um reator nuclear em Chernobyl na Ucrânia liberou cerca de cem vezes mais radiação que as bombas nucleares de Hiroshima e Nagasaki, e, com um número de

mortes (estimado em longo prazo) em torno de cem mil pessoas (ESTELA; POTT, 2017).

No entanto, observa-se que a humanidade não demonstrou ter aprendido com seus erros anteriores e continuou assumindo riscos significativos para manter seu padrão de conforto. Um exemplo emblemático ocorreu no final da década de 1980, quando ocorreu um desastre de proporções imensuráveis: o navio Exxon Valdez derramou dezenas de milhões de barris de petróleo no mar (ESTELA; POTT, 2017). Esse incidente trágico ressalta a necessidade urgente de uma reflexão profunda e de ações concretas para evitar repetições semelhantes e promover uma abordagem mais responsável e sustentável em relação aos recursos naturais.

Ao escrever uma homenagem a Je Tsongkhapa, o fundador da Tradição Budista Tibetana Gelug, Gendun Gyatso nos convida à profunda reflexão sobre nossos comportamentos e atitudes em relação às questões da vida. Através desse tributo, somos lembrados da importância de considerar cuidadosamente as consequências de nossas ações e das formas como nos apegamos às coisas materiais. É um lembrete para examinarmos se estamos agindo de maneira consciente e responsável, evitando apegos que possam nos prejudicar e impactar negativamente os outros ao nosso redor. Essa reflexão nos encoraja a buscar um equilíbrio saudável entre desfrutar e apreciar o que a vida nos oferece, ao mesmo tempo em que cultivamos uma consciência das implicações de nossas escolhas e práticas:

Com apego aflitivo (*upadana*) para com as riquezas e o respeito, nos tornamos constantemente absorvidos em atividades sem sentido e, então, deixamos nossa preciosa vida humana se esgotar. Nossa postura externa de praticantes é só fingimento e nossos discursos inteligentes são apenas instrumentos para enganar aos outros. Somos, assim, tão espertos, que acabamos por enganar a nós mesmos. E nosso treino para realizar a plena iluminação se torna apenas imitação. Isso é sinal de uma mente longe do caminho (GYATSO, 2017, p. 34, *italico no original*).

Nesta passagem, ressalta-se as consequências do apego aflitivo (*upadana*) às riquezas e ao respeito. Ao nos tornarmos excessivamente absorvidos nessas atividades, corremos o risco de desperdiçar nossa preciosa vida humana. Nossa postura como praticantes pode se tornar apenas uma fachada, enquanto nossos discursos inteligentes se transformam em meros instrumentos de engano para os outros. No entanto, paradoxalmente, somos tão engenhosos em enganar aos outros que acabamos por nos

enganar também. Dessa forma, nosso treinamento para alcançar a plena iluminação se torna apenas uma imitação, revelando uma mente distante do verdadeiro caminho. Essa reflexão nos instiga a examinar sinceramente nossas motivações e a cultivar um compromisso autêntico com o caminho espiritual, para evitar cair na armadilha do apego e do engano.

É fundamental reconhecer que, assim como todas as formas de vida, o ser humano é uma parte intrínseca deste mundo. O direito de viver e buscar a felicidade é inerente a cada indivíduo, e essa busca pela realização pessoal está ligada a uma dignidade especial que nos é conferida. No entanto, é imprescindível compreender que os efeitos da degradação ambiental, do atual modelo de desenvolvimento e da cultura do descarte têm implicações significativas na vida das pessoas. Nossa relação com o meio ambiente e as práticas que adotamos em termos de desenvolvimento têm um impacto direto em nossa própria qualidade de vida e bem-estar. Portanto, é imperativo refletir sobre essas interconexões e buscar uma abordagem mais sustentável e responsável em relação ao meio ambiente, reconhecendo que o cuidado com a natureza é fundamental para promover uma existência plena e equilibrada para todos os seres humanos:

Tendo em conta que o ser humano também é uma criatura deste mundo, que tem direito a viver e ser feliz e, além disso, possui uma dignidade especial, não podemos deixar de considerar os efeitos da degradação ambiental, do modelo actual de desenvolvimento e da cultura do descarte sobre a vida das pessoas.

Nota-se hoje, por exemplo, o crescimento desmedido e descontrolado de muitas cidades que se tornaram pouco saudáveis para viver, devido não só à poluição proveniente de emissões tóxicas mas também ao caos urbano, aos problemas de transporte e à poluição visiva e acústica. Muitas cidades são grandes estruturas que não funcionam, gastando energia e água em excesso. Há bairros que, embora construídos recentemente, apresentam-se congestionados e desordenados, sem espaços verdes suficientes. Não é conveniente para os habitantes deste planeta viver cada vez mais submersos de cimento, asfalto, vidro e metais, privados do contacto físico com a natureza (FRANCISCO, 2015, § 43-44).

Atualmente, há um esforço crescente para reduzir os riscos e danos ao meio ambiente em escala global. No entanto, é importante reconhecer que nem todos os líderes políticos têm adotado uma abordagem responsável em relação à proteção ambiental. Alguns governantes, como Donald Trump nos Estados Unidos, adotaram uma postura de negação em relação ao aquecimento global, enquanto Jair Bolsonaro no

Brasil não ter enfrentado de forma efetiva o desmatamento e as queimadas na Amazônia. Além disso, Kim Jong-un, da Coreia do Norte, tem realizado testes atômicos que representam um risco ambiental significativo.

Por outro lado, existem governantes e países que estão empenhados em melhorar as condições ambientais, promovendo o uso de energias renováveis. A Islândia, por exemplo, tem se destacado nesse aspecto, fomentando o uso de fontes de energia limpa. Mesmo o governo atual dos Estados Unidos, embora com algumas controvérsias, tem incentivado a utilização de energias limpas. A China também tem desempenhado um papel importante na questão ambiental, ocupando uma posição de destaque em iniciativas voltadas para a proteção do meio ambiente (CBIE, 2020).

Essa diversidade de abordagens e atitudes políticas em relação à proteção ambiental ressalta a importância de uma maior conscientização e cooperação internacional para enfrentar os desafios ambientais globais. É necessário que os governos assumam um compromisso efetivo com medidas sustentáveis e políticas que promovam a transição para uma economia de baixo carbono e a preservação dos ecossistemas. Somente por meio de esforços conjuntos e uma visão de longo prazo será possível garantir um futuro sustentável para as gerações presentes e futuras (CBIE, 2020).

O tema do debate sobre a interseção entre ecologia, feminismo e religião tem sido discutido por renomados pensadores há bastante tempo. Um exemplo notável é Ivone Gebara, que já em 1997 publicou “Teologia Ecofeminista: ensaio para repensar conhecimento e religião”, um trabalho seminal que continua relevante mesmo após 25 anos. Através desse livro, Gebara apresenta debates atuais sobre o tema da teologia ecofeminista. Além disso, vários artigos têm sido publicados para fomentar o debate nessa área. Um exemplo é o artigo de Rosemary Radford Ruether (2014) intitulado “Ivone Gebara: teóloga ecofeminista latino-americana”, no qual ela explora o pensamento de Gebara, mapeando seus principais pontos e atualizando-os. Essas contribuições enriquecem e aprofundam a compreensão das interseções entre ecologia, feminismo e religião, oferecendo perspectivas significativas para a reflexão e ação no campo acadêmico e além dele.

Frei Beto, também contribui com o tema, abordando a questão ambiental em suas palestras. Em entrevista concedida a Marcela Belchior (2015), ele comenta a

Encíclica Papal citada no presente artigo (*Laudato Si'*), donde ele aponta as questões ambientais e como a Igreja Católica passa a tratar o assunto.

Considerações finais

O sofrimento ambiental não pode ser negligenciado, mesmo que existam governantes (ou ex-governantes) que tentem negar, estas são vozes isoladas, muitos ainda buscam uma forma de reverter, ou no mínimo, desacelerar a degradação ambiental que enfrentamos, refletidas nos, cada vez mais frequentes, desastres ambientais. Sejam por ondas de calor ou frio intenso, pelos danos às colheitas, pela disponibilidade de água potável. Como disse o Papa: “nunca tratamos tão mal nossa casa comum” (FRANCISCO, 2015, §53). Buscamos achar culpados para o sofrimento ambiental, que é resultado, não de nossas ações neste momento, mas que vem de um ciclo de séculos de abusos (SIVARAKSA).

Nos adensamos às margens dos rios, pois precisamos da água para as necessidades mais básicas, como matar a sede, cozinhar, asseio pessoal. Mas, a poluição das águas proveniente da falta de canalização e tratamento dos esgotos afeta mais as populações pobres ou as com melhores condições? Estas são reflexões que devem ser feitas.

Em alguns níveis os mais pobres são os que mais sofrem, pois não lhes é dado o direito de consumir água tratada. Mas mesmo a água tratada possui problemas, pois os sistemas de tratamento não removem a totalidade dos poluentes, hormônios, antibióticos e outras substâncias que se dissolvem nas águas, afetando assim, de certa forma, mesmo quem tem disponível para si condições de saneamento básico.

Órgãos como as Nações Unidas desempenham um papel fundamental na gestão dos interesses das nações e na promoção de ações que visam a construção de uma economia global sustentável. Essa afirmação se baseia em diversas razões que são pertinentes e relevantes para a compreensão da importância dos organismos internacionais neste contexto.

Em primeiro lugar, as Nações Unidas fornecem uma plataforma para o diálogo e a negociação entre os países, permitindo que diferentes vozes e perspectivas sejam ouvidas e consideradas. Essa diversidade de representação é essencial para encontrar

soluções comuns e promover o consenso em relação a questões ambientais e de desenvolvimento sustentável.

Além disso, as Nações Unidas têm a capacidade de coordenar esforços globais e mobilizar recursos financeiros, técnicos e humanos para enfrentar desafios ambientais complexos que vão além das fronteiras nacionais. Por meio de suas agências especializadas e programas, a organização pode desenvolver e implementar estratégias abrangentes, promovendo a cooperação internacional em áreas como a conservação dos recursos naturais, a mitigação das mudanças climáticas e o acesso a tecnologias limpas.

Outro ponto relevante é o papel das Nações Unidas na definição de normas e padrões internacionais. Através de acordos e convenções, como o Acordo de Paris sobre o clima, a organização estabelece metas e compromissos para os países, incentivando a adoção de práticas mais sustentáveis e a redução dos impactos ambientais. Esses instrumentos legais ajudam a estabelecer uma base comum de responsabilidades e a garantir que os esforços individuais dos países sejam complementares e coordenados.

Por fim, as Nações Unidas têm o potencial de promover a conscientização e a mobilização global em torno das questões ambientais, através de campanhas de sensibilização, programas educativos e iniciativas de participação da sociedade civil. Essas ações são cruciais para envolver a comunidade internacional como um todo, desde os governos até as organizações não governamentais e os cidadãos, na busca por soluções sustentáveis e na criação de um senso de responsabilidade compartilhada.

Dessa forma, a atuação das Nações Unidas como um organismo global é essencial para garantir uma abordagem coordenada e abrangente para os desafios ambientais que enfrentamos atualmente. Suas capacidades de facilitação, coordenação, normatização e mobilização são fundamentais para construir uma economia global sustentável e preservar nosso planeta para as gerações futuras. O Brasil possui pessoas lutando pela despoluição das águas, como os projetos de despoluição do rio Tietê, outros que pela educação como Ivone Gebara e Frei Beto, falam sobre a importância da preservação ambiental.

Durante determinado período histórico, é possível identificar casos em que a poluição ambiental foi causada em nome do progresso, principalmente devido a uma falta de consciência sobre as consequências negativas dessas ações. Essas ações não devem ser interpretadas como uma irresponsabilidade deliberada, mas sim como



resultado de desconhecimento dos impactos ambientais. É importante ressaltar que o debate sobre questões ambientais ainda está longe de ser resolvido. No entanto, é encorajador observar a proximidade de acordos internacionais que buscam promover cada vez mais a busca por um caminho de reparação e harmonia entre o ser humano e a natureza. Esses esforços visam estabelecer um equilíbrio sustentável em relação às atividades humanas, visando a preservação do meio ambiente para as futuras gerações.

Referências bibliográficas

AGÊNCIA BRASIL. **Incêndio nos EUA deixa 85 mortos e 11 desaparecidos, dizem autoridades.** 2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-12/incendio-nos-eua-deixa-85-mortos-e-11-desaparecidos-dizem-autoridades>>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

BBC BRASIL. **O que é a ‘Besta do Leste’, fenômeno deixou a Europa em alerta por onda de frio.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43223665>>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

BELCHIOR, Marcela. Frei Betto: com Encíclica ecológica, Igreja Católica abraça teoria evolucionista. **Missões a missão no plural.** 2015. Disponível em: <<http://www.revistamissoes.org.br/2015/06/frei-betto-com-enciclica-ecologica-igreja-catolica-abraca-teoria-evolucionista/>>. Acesso em: 28 de outubro de 22.

FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato Si'*: Sobre o cuidado da casa comum.** Roma, 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 18 maio 2018.

BRAHMALI, Bhikkhu. **Vattakkhandhaka. The chapter on proper conduct.** Suttacentral. 2021. Disponível em: <<https://suttacentral.net/pli-tv-kd18/en/brahmali?layout=none&reference=none¬es=undefined&highlight=undefined&script=latin>>. Acesso em: 28 de outubro de 2022

CAMARGO, Rogério Peter. **Programa de despoluição do Tietê IV.** São Paulos, Sabesp. 2018. Disponível em: <https://site.sabesp.com.br/site/uploads/file/projeto_tiete/projeto_tiete_empc.pdf>. Acesso em: 13 de agosto de 2022.

CAMPOS, Mariana. **Como o governo Bolsonaro destrói nossas florestas.** Greenpeace. 2020. Disponível em: <<https://www.greenpeace.org/brasil/blog/como-o-governo-bolsonaro-destroi-nossas-florestas/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2022.



CBIE, **Quais os países com a maior capacidade instalada de energia renovável?**. CBIE. 2020. Disponível em: <<https://cbie.com.br/artigos/quais-os-paises-com-a-maior-capacidade-instalada-de-energia-renovavel/>>. Acesso em: 28 de outubro de 2022.

CICLOVIVO, Redação. **Brasileiros ganham prêmio mundial por projeto para despoluir rio Tietê**. Brasil, CicloVivo. Disponível em: <<https://ciclovivo.com.br/inovacao/inspiracao/brasileiros-ganham-premio-mundial-por-projeto-para-despoluir-rio-tiete/>>. Acesso em: 13 de agosto de 2022.

COSTA, Maria Teresa. Região de Campinas tem 761 áreas contaminadas. **Correio Popular**. Campinas, SP, 2017. Disponível em: <http://correio.rac.com.br/_conteudo/2017/02/campinas_e_rmc/470432-regiao-de-campinas-tem-761-areas-contaminadas.html#>. Acesso em: 23 maio 2018.

ESTADÃO, Jornal o Estado de São Paulo. **Decisão de Trump sobre Acordo de Paris causa onda de críticas no mundo**, São Paulo, S/A, O Estado de São Paulo. 2017. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/blogs/radar-global/decisao-de-trump-sobre-acordo-de-paris-causa-onda-de-criticas-no-mundo/>>. Acesso em: 18 maio 2018.

ESTELA, Carina Costa; POTT, Crisla Maciel. Histórico ambiental: desastres ambientais e o despertar de um novo pensamento. **Estudos avançados**, v. 31, n. 89, São Paulo, jan./abr. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890021>>. Acesso em: 18 maio 2018.

GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista**: ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Olho d'água. 1997.

GYATSO, Sonan. Lamrim Sheershoonma – Linhas de Experiência. In: TSAI, Plínio Marcos (org.). **Compendium 1**. Valinhos: ATG, 2013.

G1. **Governo de SP fecha acordo para elevar de 14% para 40% esgoto tratado pela Sabesp em Guarulhos**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/09/23/governo-de-sp-fecha-acordo-para-elevar-de-14percent-para-40percent-esgoto-tratado-pela-sabesp-em-guarulhos.ghtml>>. Acesso em: 16 set. 2021.

G1. **Onda de frio na Europa deixa mais de 20 mortos**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/onda-de-frio-na-europa-deixa-mais-de-20-mortos.ghtml>>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

LOCATELLI, Paulo Antônio. Os cursos d'água urbanos e as vicissitudes humanas. In: MACHADO, Paulo Afonso.; MILARÉ, Édís. (orgs.). **Direito Ambiental: meio ambiente urbano**. Coleção doutrinas essenciais, v. III. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2011.

MONGE, Yolanda. **Trump sobre relatório climático do seu Governo: “Não acredito”**. El País, 2018. Disponível em:



<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/27/internacional/1543283242_634443.html>.
Acesso em: 25 de outubro de 2022.

MOREIRA, Alberto G. Influências sociais e jurídicas da habitação. In: MACHADO, Paulo Afonso; MILARÉ, Édis. (org.). **Direito Ambiental: meio ambiente urbano**. Coleção doutrinas essenciais volume III. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2011.

MPF, Ministério Público Federal. **Caso Samarco**. Brasília, MPF. Sem Data. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-samarco/o-desastre>>. Acesso em: 12 de agosto de 2022.

OLIVEIRA, Ana Beatriz König. O Rio Tietê: o processo histórico e sua importância para São Paulo. **Anais 1º Simpósio Mineiro de Geografia**, 2014. Disponível em: <<https://www.erambiental.com.br/var/userfiles/arquivos69/documentos/12750/AnaBeatrizKonigOliveira-RioTieteProcHistImportancia.pdf>>. Acesso em: 28 de outubro de 2022.

ONU, Nações Unidas Brasil. Relatório climático da ONU: estamos a caminho do desastre, alerta Guterres. Brasília, ONU, 2022. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/176755-relatorio-climatico-da-onu-estamos-caminho-do-desastre-alerta-guterres>>. Acesso em: 12 de agosto de 2022.

RUETHER, Rosemary Radford. Ivone Gebara: teóloga ecofeminista latino-americana. **Mandágora**. V.20, N.20, 2014. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/5177>>. Acesso em: 28 de outubro de 2022.

SHIVARAKSA, Sulak. **Ecological Suffering: From a Buddhist Perspective**. *Buddhist-Christian Studies*, v. 34, p. 147-153, University of Hawai'i Press, 2014. DOI: 10.1353/bcs.2014.0013. Acesso em: 11 mar. 2015.

SUNG, Jung Mo. Teologia MINJUNG e a afasia social: um diálogo com a Teologia da Libertação. **Estudos de Religião**, v. 32, n. 3, set.-dez. 2018. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/issue/view/495>>. Acesso em: 25 dez. 2018.

TSAI, Plínio Marcos. **História da tradição budista indiana**. Valinhos: ATG, 2017a.

_____. **Cerimônia do Uposatha de acordo com o Pratimoksa Mulasarvastivada**. Valinhos: ATG, 2017b.

_____. Linhas de experiência. In: TSAI, Plínio Marcos (organização e tradução). **Recolecção dos ensinamentos do Buda; Tomo 1**. Valinhos: ATG, 2018.

ZULAUF, Werner. O meio ambiente e o futuro. **Estudos avançados**, v. 14, n. 39. São Paulo, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142000000200009>>. Acesso em: 18 maio 2018.